

Amaral procura alternativas fora do comitê dos credores

Ademar Shiraishi

O Brasil começa a colocar em xeque a existência do Comitê de Assessoramento dos Bancos Credores, hoje, quando o secretário para assuntos internacionais do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, e o diretor da área externa do Banco Central, Arnim Lore, começam a negociar alternativas para o pagamento dos juros da dívida externa brasileira em atraso desde julho último.

Pouco mais de dois meses de centralização cambial foram suficientes para o governo brasileiro mudar a postura em relação aos bancos credores. O Ministro da Fazenda, Maílson Ferreira da Nóbrega, passou a aceitar a tese de que o Brasil nada ganhou com a condição de bom pagador, após o acordo de reescalonamento da dívida imposta pelos credores há exatamente um ano.

Hoje, existe quase que um consenso interno quanto à suspensão dos pagamentos de juros até que o País receba dinheiro novo para sustentar as suas reservas cambiais acima dos US\$ 6 bilhões. O cenário externo também mudou. Os bancos credores ampliaram as provisões para créditos dos países em desenvolvimento e a moratória técnica brasileira não causa reação emocional de seus acionistas, ao contrário do que ocorreu quando da moratória formal de fevereiro de 1987.

Flexibilizar

A emissão dos bônus de saída e o processo de conversão informal da dívida externa em investimentos diretos retiraram da renegociação global do endividamento brasileiro mais de uma cantona de pequenos bancos credores. Com a redução do elenco de credores, o governo brasileiro poderá flexibilizar a renegociação e até eliminar a concentração de poderes no comitê renegociador da dívida brasileira.

O Brasil teria muito a ganhar com a descentralização do reescalonamento da dívida em bloco de países ou mesmo negociando diretamente com os bancos credores. O Ministério da Fazenda já detectou, por exemplo, que a exemplo do Governo, os bancos japoneses demonstram compreensão com as dificuldades cambiais brasileiras, neste período de transição política. Mas o Banco de Tóquio — representante dos bancos japoneses no Comitê renegociador — transmite a idéia de

intransigência nipônica, ao bater na velha tecla do acordo prévio com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Com a experiência de antigo negociador da dívida brasileira como Secretário de Assuntos Internacionais do ex-ministro Dilson Funaro, o economista Paulo Nogueira Batista Júnior qualifica de vexatória a negociação com o Comitê de Assessoramento dos Bancos Credores.



Sérgio Amaral (E) se prepara para negociar os juros da dívida externa em atraso desde julho

Arquivo 09.03.89